

**SEPARAÇÃO CONJUGAL E AS DIFICULDADES ESCOLARES: UM ESTUDO
SOBRE A INTERFERÊNCIA DO CONFLITO FAMILIAR NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM¹.**

**PAULA NAIANA HEYDT FERREIRA²
VALESKA ISABELA DE AZEVEDO FRONZA³**

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de discutir as interferências dos conflitos familiares no processo de aprendizagem dos infantes envolvidos em disputa de guarda. Desta forma, entendendo as consequências da separação dos pais na formação emocional e psicológica dos membros da família, a proposta se justifica a partir das demandas identificadas nos atendimentos realizados no Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude – NEDDIJ - da Unespar campus Paranavaí, sendo recorrente a queixa dos genitores acerca das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos infantes. O estudo é qualitativo, desta forma, foram feitas buscas por bibliografias que abordam acerca de separação conjugal e sobre as dificuldades escolares. Conclui-se que durante a etapa de separação conjugal é importante que o casal possa ser acompanhado por profissionais Psicólogos e Pedagogos que possam contribuir na superação desse momento de dificuldade, proporcionando que os sujeitos envolvidos possam reconstruir sua estrutura emocional e psicológica reduzindo os prejuízos, e orientando sobre como lidar com as crianças.

Palavras-chave: Conflitos familiares; Dificuldade de aprendizagem; Defesa de direitos;

¹Trabalho apresentado no GT-7 Educação: Cultura e Sociedade na Semana Acadêmica Fatecie 2017

² Especializanda em saúde mental, atenção psicossocial e psicopatologias (Unicesumar); e especializanda em Práticas interdisciplinares no contexto escolar (IFPR); Graduada em Psicologia (FAG); Psicóloga do Núcleo de estudos e defesa dos direitos da infância e juventude NEDDIJ Unespar campus Paranavaí. heydtferreira@gmail.com

³ Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia (UNESPAR); Estagiária de Pedagogia do Núcleo de Estudos e defesa dos direitos da Infância e Juventude NEDDIJ – Unespar campus Paranavaí.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e da Juventude – NEDDIJ - é um projeto de extensão da Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado de Ciência Tecnologia e Ensino Superior – USF/SETI, em parceria com a Universidade do Estado do Paraná – UNESPAR Campus Paranavaí, financiado com recursos do fundo do Paraná.

Este estudo tem como objetivo discutir acerca da separação conjugal e das dificuldades no processo de aprendizagem que apresentou uma demanda expressiva nos atendimentos do NEDDIJ no ano de 2016 e no primeiro semestre de 2017. Desta forma, inicialmente será abordado acerca do trabalho realizado no NEDDIJ da UNESPAR campus Paranavaí, e o trabalho com as famílias atendidas no Núcleo. Após será apresentado e discutido acerca do conflito familiar e do processo de aprendizagem, para finalmente, a medida das possibilidades sucintas deste trabalho, traçar possíveis ligações entre os conflitos familiares e as dificuldades no processo de aprendizagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O NEDDIJ iniciou suas atividades em 1º de Setembro de 2014. Na ocasião oferecia atendimento Jurídico, Sócio assistencial e pedagógico, sendo que a partir de 2016, o atendimento Psicológico passou a fazer parte do Núcleo juntamente com os demais serviços para crianças e adolescentes que estejam com seus direitos ameaçados ou violados pela situação de risco pessoal, social, vulnerabilidade socioeconômica e/ou prática de ato infracional pertencentes à Comarca de Paranavaí – PR. O atendimento é gratuito e oferecido às famílias cuja renda familiar não exceda o montante de três salários mínimos.

Durante os atendimentos foi possível perceber que os casos de disputa de guarda apresentavam também relatos de dificuldades na aprendizagem. Desta forma passou-se a fazer contatos com as escolas com a finalidade de obter maiores informações sobre o rendimento escolar das crianças.

2.1 CONFLITOS FAMILIARES

Ao refletir acerca do conceito de conflito familiar, é interessante iniciar este percurso pensando no papel histórico da família. Iniciaremos este percurso com a família durante o período industrial. Neste período a família era um grupo social sólido e constituído por pai, mãe e inúmeros filhos. A preocupação principal estava em garantir a subsistência e, mesmo quando enfrentavam problemas, a separação conjugal era impensável. O papel social da mulher estava voltado aos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos.

Com o passar dos tempos, as mulheres foram conquistando espaços. Entre estes se destaca a inserção da mulher no mercado de trabalho (CASTRO, 2013). Na década de 60 iniciou a comercialização da pílula anticoncepcional no Brasil, o que possibilitou que as famílias pudessem planejar quantos filhos ter e o melhor momento para tê-los. Vale enfatizar que neste período o planejamento familiar era uma realidade apenas para as famílias de classe média–alta. Porém, com o passar do tempo, o controle de natalidade passou a ser uma realidade no Brasil e o número de famílias com acesso ao anticoncepcional cresceu (PEDRO, 2003).

A história das conquistas das mulheres está diretamente ligada às mudanças no papel social das famílias. Desta forma, considerando toda a discussão acerca do papel social da mulher, das lutas feministas e das conquistas alcançadas, ainda é possível perceber que é forte na cultura contemporânea a cobrança para que a mulher constitua família e permaneça nela. Sobre as cobranças sociais que permeiam o desenvolvimento da mulher, Bettelheim (1989 p.211 *apud* CASTRO, 2013 p.38) afirma que:

[...] nosso sistema insiste em que ela se “apaixone” por um marido em potencial; na verdade, espera-se que ela tenha prazer em abandonar o que ela pode ter adorado até então, e subitamente encontre uma profunda satisfação em cuidar de um filho, de uma casa, de um companheiro.

De acordo com Bettelheim, Freud (1930, p.152) complementa afirmando que:

Assim como o comerciante prudente evita investir todo o seu capital numa só operação, assim também a sabedoria talvez nos aconselhe a não depender de toda a satisfação numa só tendência, pois o êxito jamais é seguro: depende do concurso de numerosos fatores, e talvez nenhum mais do que a faculdade do aparelho psíquico para adaptar suas funções ao mundo e tirar proveito deste na realização do prazer.

Considerando as colocações de Bettelheim e Freud, é possível pensar que na contemporaneidade os casais foram de um extremo a outro. Inicialmente os casais estavam condenados a passar uma vida toda juntos, independente do custo emocional que poderia resultar, para um época em que a separação é a primeira opção e as demais possibilidades são ignoradas (CASTRO, 2013). Desta forma, a possibilidade das partes de falar sobre os afetos e os problemas conjugais, “os dois pais devem humanizar sua separação, dizê-la em palavras, e não guardá-la para si sob a forma de uma angústia indizível” (DOLTO, 2011 p.22). Portanto, ao assumir o fim do relacionamento, é possível pensar e elaborar essa etapa, para que as frustrações não sejam alimentadas.

Seria importante que ao perceberem que o relacionamento está no fim, as pessoas pudessem falar sobre as angústias e as problemáticas que permeiam o relacionamento na presença de um terceiro. Porém, o foco dessa conversa deveria ser na responsabilização sobre tais atos, e não na culpabilização do outro, ou seja, deixar as queixas superficiais fora da discussão (DOLTO, 2011).

Falar na presença de um terceiro mobiliza afetos e pulsões que permitem, forçosamente, um trabalho no nível do inconsciente. Expressar suas desavenças perante um terceiro ajuda os cônjuges a reconhecer sua relação interpessoal como insatisfatória, a confessar seu fracasso e a amadurecer a relação (DOLTO, 2011 p.23).

Sobre a separação conjugal, Castro (2013, p.200) afirma que “é importante que se compreenda que a separação embora seja um momento sempre muito difícil, não se dá da mesma forma e pelas mesmas razões para todos os indivíduos”. Assim

cabe aos profissionais que atuam nas varas de família e demais profissionais que atuam com famílias compreender as particularidades que envolvem cada conflito.

2.2 A CRIANÇA MEDIANTE A SEPARAÇÃO CONJUGAL

A separação conjugal provoca mudanças substanciais na vida dos filhos, principalmente quando esta ocorre de maneira conflituosa, neste período muitas crianças começam a apresentar dificuldades de aprendizagem, problemas com o convívio social entre outros problemas, de acordo com Ramires (2004) as crianças passam a ter que lidar com varias alterações em sua rotina, a saída de casa de algum dos genitores, o convívio com a família extensa, a situação econômica, os conflitos, as mudanças no relacionamento social e seu comportamento no lar e na escola. Além disso, a separação conjugal conduz também a reorganização da vida dos pais, afetiva, social, profissional e sexual, o que modifica muitas vezes drasticamente a rede de convivência e apoio das crianças e introduzindo, ao longo do tempo, a necessidade de relacionamento (e rompimento) com os novos parceiros dos pais e seus possíveis filhos e familiares.

Geralmente quando ocorrem as separações existe um desequilíbrio emocional, no qual sentimentos como a raiva e o desejo de vingança são aflorados, estes sentimentos são refletidos nas crianças, que passam a apresentar as mais diversas reações. Entre as mais frequentes é possível destacar a depressão, a agressividade e as dificuldades de aprendizagem. Neste período as crianças se sentem abandonadas e precisam que os pais as percebam, e demonstram isso às vezes involuntariamente. Bee e Boyd (p.378 – 379 2011) pontuam que “nos primeiros anos após um divórcio, as crianças tipicamente apresentam declínios no desempenho escolar e mostram comportamento mais agressivo, desafiador, negativo ou deprimido” (p.378 - 379).

Alguns fatores são determinantes quando se trata das reações demonstradas pelas crianças como a idade, a criança em idade pré-escolar tem dificuldade em perceber o que está acontecendo, porém sente a tensão dos conflitos entre os pais.

Isso faz com que a criança reaja de diferentes formas, com comportamentos agressivos e de oposição. A criança também pode apresentar atitudes regressivas. Em idade escolar, nos anos iniciais, já é capaz de compreender o que está acontecendo, isso faz com que a criança tenda a reagir com tristeza sentimentos de perda e baixo rendimento escolar. Já nos anos finais, o adolescente se sente dividido por causa da lealdade em relação aos pais, algumas vezes se isolando, ou sentindo necessidade de proteger algum dos pais que encontra-se em estágio mais fragilizado.

De um modo geral os sentimentos mais comuns demonstrados pelas crianças são: sentimento de perda, insegurança, revolta, agressividade, sentimento de culpa, sentimento de divisão afetiva entre os pais e desejo de fazer com que os pais reatem o relacionamento, afim de recuperar a segurança perdida com a separação, Entretanto é necessário destacar que os efeitos que a separação conjugal dos pais provocam nos filhos, não podem ser vistos como um padrão pré determinado, sendo necessário estar atento às mudanças no comportamento das crianças.

2.3 A ESCOLA MEDIANTE OS CONFLITOS FAMILIARES

A relação entre a família e a escola tem passado por diferentes mudanças no decorrer do tempo, sendo de fundamental importância que estas instituições estejam ligadas para um melhor desenvolvimento do aluno em formação. De acordo com López (2002) “a família não tem condições de educar sem a colaboração da escola e acrescento, a escola não tem condições de educar sozinha sem a participação e compromisso dos pais”. No entanto é válido salientar que não se pode misturar as funções da escola ou da família. López (2009 p. 01) ainda afirma que:

É indispensável que família e escola sejam parceiras, com os papéis bem definidos, onde não se pratica a exigência e sim a proposta, o acordo. A família pode sugerir encontros para a escola, não ficando presos somente às reuniões formais, pois além de ser um bom momento para consolidar a confiança, podem discutir juntos acerca dos seus papéis. A escola pode estimular a participação dos pais, procurando conhecer o que pensam e fazem e obtendo informações sobre a criança (LOPES, 2009 p. 01).

Santos e Souza (2009) afirmam que a relação entre os pais e os professores, durante o período de ensino e aprendizagem das crianças, deve ser uma parceria, onde o foco principal seja para o bem estar da criança e de seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Para que haja confiança, respeito e afirmação de sua autoestima.

A escola é um ambiente de convívio social da criança, e muitas vezes é o local onde passa a maior parte de seu tempo, geralmente quando está passando por algum problema o aluno reflete estes em suas ações, desta forma o professor precisa estar atento para identificar as alterações de comportamento e de desempenho escolar, neste sentido o laço afetivo entre professor e aluno é fundamental, de acordo com Casarin (2007 p. 22):

A criança precisa de afetividade e compreensão para sentir-se segura nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável provoca a depreciação do amor, do sentimento de incapacidade e, conseqüentemente, um comportamento social comprometido. A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois nela se realizam as aprendizagens básicas para o desenvolvimento escolar. A falta, ou escassez, de relações familiares adequadas, devido ao pouco tempo de convívio, provoca a carência das funções materna e paterna, fragiliza os laços amorosos (CASARIN, 2007, p.22).

Com a separação conjugal dos pais, a criança pode sentir-se desprotegida, desamparada e neste momento não só o professor, mas toda a equipe pedagógica, devem estreitar o vínculo afetivo com a criança, não só com o intuito de que a situação familiar não prejudique o desempenho escolar do aluno, mas também que propicie ao educando um espaço de acolhida no qual ele se sinta protegido.

Durante os conflitos familiares muitas crianças começam a demonstrar baixo rendimento escolar. Assim é necessário que o professor seja sensível a estas alterações pois, de acordo com Casarin (2007 p. 25):

A dificuldade de aprendizagem de uma criança, ou um adolescente, pode não ser mais do que uma forma encontrada

de manifestar a falta, a precariedade dos vínculos familiares, nesse sentido, educar não é uma tarefa tão simples como pode parecer. Educar vai muito além de prover os meios para a criança vir ao mundo e ser mantida nele, é um processo e, dentro desse estamos inseridos, enquanto família e escola, pois as crianças aprendem de acordo com o que vivenciam com seus modelos de identificação. (CASARIN 2007, p.25)

A criança reflete na escola o que vivencia em seu cotidiano, por isso a importância da escola e da família estarem em harmonia, pois assim a criança se sentira amparada, mesmo com a separação conjugal dos pais ou qualquer outro conflito familiar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma revisão bibliográfica, que se caracteriza como uma análise meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento. Desta forma foram feitas buscas em livros e bases de dados on line, como Scielo e BVS, por materiais que abordam acerca de separação conjugal e processo de aprendizagem. Assim a metodologia de pesquisa foi desenvolvida com base nos materiais já produzidos (GIL, 2002). “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p.45).

Portanto, esta pesquisa possui o cunho da abordagem qualitativa, a qual Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) definem como uma pesquisa que: “(...) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Considerando tal abordagem ela pode contribuir para o pesquisador, considerando que

enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995, p.23).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando as dificuldades que permeiam o término dos relacionamentos, e as consequências para a prole, é possível perceber a importância de abordar a temática, enfatizar as discussões e criar políticas públicas sobre a separação conjugal. No dia a dia do trabalho com as famílias em conflitos percebe-se que existem leis que visam punir familiares que não conseguem elaborar o término do relacionamento, porém não são criados espaços com abertura para essas famílias. Se os casais que estão vivendo conflitos familiares e separação conjugal pudessem ser acompanhados por técnicos que proporcionassem uma escuta qualificada, oferecendo um espaço de escuta empática, poderiam ter a oportunidade de se perceber no relacionamento talvez pudessem rever ou vivenciar de outra forma esse período diminuindo os prejuízos tanto ao casal quanto aos filhos.

A vivência de conflitos familiares para a prole resultam em muitos prejuízos. Porém é na escola que o sofrimento se intensifica, possibilitando que os professores percebam essas alterações resultantes do sofrimento, e façam as devidas intervenções e encaminhamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após abordar a bibliografia referente à separação conjugal, conclui-se que durante a etapa de separação conjugal é importante que o casal possa ser acompanhado por profissionais Psicólogos e Pedagogos que possam contribuir na superação desse momento de dificuldade, proporcionando que os sujeitos envolvidos possam reconstruir sua estrutura emocional e psicológica reduzindo os prejuízos, e orientando sobre como lidar com as crianças.

Sobre os sintomas que se manifestam no processo de aprendizagem é importante que o professor esteja atendo as mudanças apresentadas pela criança,

pois as intervenções e encaminhamentos são muito importantes e podem diminuir o sofrimento das crianças. Para isso é importante que os educadores estejam atentos, pois a escola é um ambiente propício para observar as mudanças que a criança apresenta, considerando que a escola é o primeiro lugar de convivência e estabelecimento de vínculos que a criança estará longe dos familiares elaborando seus posicionamentos individuais na socialização com os demais.

É importante ainda repensar na forma como os conflitos conjugais são abordados, uma vez que as propostas de intervenção são apenas curativas, ou seja, espera-se primeiro que os sintomas decorrentes do sofrimento da separação se evidenciem para tratar, não existem políticas públicas que propiciem atenção a essas famílias com a finalidade de prevenir um agravamento do sofrimento decorrentes desse conflito.

6 REFERÊNCIAS

BEE, Helen. BOYD, Denise. A criança em desenvolvimento. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CASTRO, L. R. F. **Disputa de guarda e visitas: no interesse dos pais ou dos filhos?** Porto Alegre: Artmed, 2013.

CASARIN, Nelson Eliton Fonseca. **Família e aprendizagem escolar.** Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre . 2007

DOLTO, F. **Quando os pais se separam.** 2ª ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PEDRO, J. M. **A experiência com contraceptivos no Brasil: Uma questão de geração.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº45, p.239-260 – 2003. Disponível em: <http://scielo.com.br> Acesso em 16/08/2017.

FREUD, S. O Mal Estar na Civilização. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 3, jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>.

LÓPEZ, I Sarramona. Educação na família e na escola: o que é, como se faz. 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

RAMIRES, V. R. R. **As transições familiares**: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, 2004.

SANTOS, Natália Batista Dos; SOUZA, José Francisco De. **Afetividade e aprendizagem**: a influência do processo de separação de casais na aprendizagem da criança dos anos iniciais. Brasília: 2009.